

## CARTOGRAFIA E IMAGINÁRIO: ENCRUZILHADAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS NOS TERRITÓRIOS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

### CARTOGRAPHY AND IMAGINARY: THEORETICAL-METHODOLOGICAL CROSSROADS IN THE TERRITORIES OF RESEARCH IN EDUCATION

Maria Rita Barbosa Piancó Pavão<sup>1</sup>

Luís Massilon da Silva Filho<sup>2</sup>

Fernando da Silva Cardoso<sup>3</sup>

Mário de Faria Carvalho<sup>4</sup>

**Resumo:** Neste texto, traçamos linhas do que acreditamos ser o território limiar entre o pensamento cartográfico de Gilles Deleuze e Félix Guattari e a teoria antropológica do imaginário de Gilbert Durand, a fim de contribuir com uma perspectiva epistemológica para a pesquisa em Educação. Refletimos como a articulação entre elementos teórico-metodológicos da cartografia e da antropologia do imaginário podem colaborar para a inserção de narrativas dissidentes no campo investigativo e epistemológico da Educação. Para tanto, lançamos mão das seguintes dimensões: recorrências estéticas, na qual são associados apontamentos relacionados à apreensão do mundo pelo sensível e à valorização das imagens; e releituras epistemológicas, cujas associações teóricas remetem à destruição ontológica do Sujeito e à prevalência dos movimentos dinâmicos. Argumentamos que, diante de sistemas de pensamento singulares, demarcados territorialmente, as experimentações vivenciadas no fazer-pesquisa em Educação, através da construção de cartografias que contemplem as derivas imaginantes, são sugestivas da abertura à errância, à dissidência produtora de subjetividades no interior do campo educacional.

**Palavras-chave:** Cartografia; Imaginário; Pesquisa; Educação.

**Abstract:** In this text, we draw lines that we believe to be the threshold territory between the cartographic thinking of Gilles Deleuze and Félix Guattari and Gilbert Durand's anthropological theory of the imaginary, in order to contribute an epistemological perspective to education research. We reflect on how the articulation between the theoretical-methodological elements of cartography and the anthropology of the imaginary can contribute to the insertion of dissident narratives in the investigative and epistemological field of Education. To do this, we used the following dimensions: aesthetic recurrences, in which we associated notes related to the apprehension of the world through the sensible and the valorization of images; and epistemological re-readings, whose theoretical associations refer to the ontological destruction of the Subject and the prevalence of dynamic movements. We argue that, in the face of singular systems of thought, territorially demarcated, the experiments experienced in doing research in Education, through the construction of cartographies that include imaginative drifts, are suggestive of openness to wandering, to dissidence that produces subjectivities within the educational field.

**Keywords:** Cartography; Imaginary; Research; Education.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestra em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), Caruaru, Pernambuco, Brasil. E-mail: [rita.pianco@ufpe.br](mailto:rita.pianco@ufpe.br)

<sup>2</sup> Doutorando e Mestre em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), Caruaru, Pernambuco, Brasil. E-mail: [luis.mfilho@ufpe.br](mailto:luis.mfilho@ufpe.br)

<sup>3</sup> Doutor em Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Universidade de Pernambuco, Arcoverde, Pernambuco, Brasil. E-mail: [fernando.cardoso@upe.br](mailto:fernando.cardoso@upe.br)

<sup>4</sup> Doutor em Ciências Sociais, Université René Descartes - Paris V. Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), Caruaru, Pernambuco, Brasil. E-mail: [mario.fcarvalho@ufpe.br](mailto:mario.fcarvalho@ufpe.br)

## 1 Introdução

Este texto é excesso, mapa destinado ao escoamento do que, em nossas experiências, temos encontrado e vivenciado. Disputamos, constantemente, a condição de ser andarilhas, indigentes, navegantes, des(viadas); condição que força o seu lugar no gesto apaixonado de fazer-pesquisa. Na experiência compartilhada, reside a inquietação que nos leva a encontrar sentido para permanecer, aqui, nas sombras dos muros que a arquitetura racionalizante da academia orgulhosamente ergueu. Encontrar sentido é o propósito primeiro de nossas palavras.

Preferimos nos apresentar como cartógrafas, cada uma à sua maneira. Em nossas escritas, traçamos mapas que se encontram e que se distanciam, que põem em contato as linhas e formam zonas de possibilidades que somente se dão nos *entrelugares*. Na centralidade dos caminhos que se esbarram, há o apreço compartilhado pelas narrativas *outras*, denominadas afetuosamente de dissidentes. Nos arriscamos em inventar recursos, agir arditamente, em acessar becos e vielas que a academia não cogita serem possíveis. Tudo isso na tentativa de amenizar as perdas ocasionadas pela infiltração das experiências sensíveis no dispositivo racionalizante da produção científica.

Nos parágrafos seguintes, procuraremos elaborar as linhas do que acreditamos ser um desses recursos. O desejo que nos motiva é o de ultrapassar as barreiras que a disciplinaridade impõe para explorar as *encruzilhadas* do encontro entre a cartografia, disseminada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, e a teoria antropológica do imaginário, desenvolvida por Gilbert Durand, as quais interseccionamos a serviço da aproximação com as narrativas dissidentes. São várias as inquietações a partir das quais resulta este plano de imanência, todas elas relacionadas a uma questão-orientadora de nossas reflexões: *como a articulação entre elementos teórico-metodológicos da cartografia e da antropologia do imaginário pode contribuir para a valorização de narrativas dissidentes no campo investigativo e epistêmico da Educação?*

A noção de desigualdade epistêmica é, a nós, central. Recupera os excessos do que se consolidou como expressões do Sujeito cognoscente, entidade que desloca o Ser para o campo da capacidade ascética, alcançável pelas vias da razão. Afinal, a teleologia do conhecimento instaurou-se, nas culturas ocidentais modernas, de tal maneira que o arcabouço epistemológico e científico da produção do saber dele decorrente tornou-se hegemônico, no interior do qual os próprios conceitos de epistemologia e de ciência adquiriram contornos rígidos. Dentre as múltiplas correntes de pensamento obstinadas

em diagnosticar e desconstruir o paradigma racionalista, optamos pelas duas já mencionadas por acreditarmos na capacidade de tangenciarem, em campos específicos do saber, linhas de fuga compartilhadas.

Assim, o caminho percorrido ao longo do presente texto perpassa os seguintes objetivos: refletir sobre o pensamento rizomático de Deleuze e Guattari a partir de seu mapeamento epistemológico; identificar aspectos desestabilizadores do Sujeito presentes na antropologia do imaginário de Gilbert Durand; e argumentar sobre as potencialidades das pesquisas que tangenciam os campos teórico-analíticos da cartografia e do imaginário para o deslocamento epistemológico das pesquisas em Educação.

A argumentação ora apresentada decorre, sobretudo, do tensionamento teórico de premissas presentes em *Conversações* (1996), de Gilles Deleuze; *Mil Platôs - vols. 1, 2, 3 e 4* (1995a; 1995b; 1996; 1997) e *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (2011), de Gilles Deleuze e Félix Guattari; *Diálogos* (1998), de Gilles Deleuze, em parceria com Claire Parnet; *Cartografia Sentimental* (2016), de Suely Rolnik; e *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* (2012) e *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem* (2014), de autoria de Gilbert Durand. As reflexões são lançadas desde o ponto de vista da exploração da referida literatura e de outras produções auxiliares, considerando a inerência e aspectos de incompletude, de perspectivação e de dinamismo (MINAYO, 2012) que acreditamos envolver o campo em questão.

Na tentativa de tocar as encruzilhadas, as nuances que caracterizam e tornam possível o entrecruzamento são problematizadas a partir das seguintes dimensões: *recorrências estéticas*, que envolvem o *apelo às sensibilidades* e a *valorização da imagem*; e *releituras epistemológicas*, cujas reflexões apontam para a *renúncia ontológica* e para *elucidação do dinamismo*. Para sugeri-las, nos perdemos por entre os caminhos que as apontam.

## **2 Mapas da filosofia deleuze-guattariana: sujeito cognoscente, cartografia e pensamento rizomático**

A filosofia deleuze-guattariana sugere, em gênese, uma ‘não-filosofia’. Nela o pensamento não é só do campo cognoscente ligado ao ato de filosofar, mas também ligado à arte e à vida. Tais universos são localizados por potências de conhecer, epistemes, modos de pensar e imaginar. A arte e a ciência funcionam como intercessores,

engrenagens à filosofia, de modo que: “o essencial são os intercessores, a criação são os intercessores, sem eles não há obra” (DELEUZE, 1996, p. 160).

Temos, então, uma filosofia da confusão, a qual considera que pensamentos se embaralham de forma a suscitar (novas) zonas de indiscernibilidade, pois quando não se consegue diferenciar uma coisa e outra, significa que estão atreladas e misturadas. Tais considerações permeiam, de forma aleatória e, ao mesmo tempo, conjunta, uma filosofia que é, antes, ética, política e estética, distanciam-se da Filosofia da Representação ou da tradição filosófica cartesiana. A diferença, elemento central a Deleuze e Guattari (2011), sugere a quebra de hierarquias do pensamento que a tradição filosófica impõe à ciência, pois para eles se trata de uma ontologia que representa a imanência do ser, tudo é fluxo, uma ontologia dos fluxos onde toda realidade é andamento, é processo e deslocamento, não há fixidez.

O interesse de Deleuze pelo conceito de diferença ultrapassa o encontro do autor com Guattari<sup>5</sup> e encontra profundidade em sua tese, *Différence et Répétition*, publicada em 1968. Diferença que se repete, repetição criadora, mobilizadora e que se caracteriza no repetir, diferencia-se de si própria. O autor idealiza que diferença é, pois, um processo de diferenciação que se reitera na multiplicidade de si mesma, é um Ritornelo<sup>6</sup> (DELEUZE, 1996).

Desde Hegel (1992), em sua obra, são forjadas inúmeras hierarquias ao conhecimento, as quais colocam a filosofia em uma zona inatingível do saber, que situam ciência e arte em oposição. As condições e arcabouço ao pensamento foram aprisionadas de modo que o afeto, o corpo, a sensação, o desejo são reprimidos e negados. O reto caminho da verdade, ligado ao absoluto, determina que o sujeito do conhecimento necessita se apoiar em certezas, em um fazer/pensar em que as dúvidas levam a conhecer, supostamente, o absoluto. O absoluto se configura, pois, por meio do ser que conhece, apenas, e se manifesta no desejo que este tem de forjar a verdade em si mesma.

De modo a se opor à lógica hegeliana e traçarem uma base para sua filosofia<sup>7</sup>, Deleuze e Guattari (1997) buscam em Baruch Espinosa o entendimento da relação entre

---

<sup>5</sup> François Dosse (2010) reflete, inclusive, sobre como o interesse comum pela *diferença* esteve presente no encontro de Deleuze com Guattari e foi alimentado pela e na amizade, da qual a parceria teórica representa, tão somente, fragmento.

<sup>6</sup> Aquilo que repete se diferenciando, ao ponto de se tornar outra coisa, caracterizando a experiência de criação que se faz presente (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

<sup>7</sup> É importante mencionar que existem controvérsias em torno da alegação de antihegelianismo por parte de Deleuze. Hardt é um dos autores que apontam para o uso, na teoria deleuziana, da compreensão de termos hegelianos como “determinação do ser, unidade do Uno e do Múltiplo” (1996, p. 10) como forma de caracterizar o primeiro problema do pós-estruturalismo.

mente e corpo, que demarca a teoria de conhecimento como um todo. Confrontam o Monismo (somos uma única substância) e o Dualismo (somos duas substâncias) e sugerem dada solução epistêmica psicofísica e afirmam que o sujeito é marcado, na verdade, pela diferença. Assim, a perspectiva apresentada por eles, a partir de Espinosa, é pluralista, refere que tudo que existe é uma potência material e imaterial. Os autores trabalham com a ideia de “e”, indicam que as coisas não se anulam, mas sim coexistem:

Há, efetivamente, em Espinosa, uma filosofia da “vida”: ela consiste precisamente em denunciar tudo o que nos separa da vida, todos esses valores transcendentais que se orientam contra a vida, vinculados às condições e às ilusões da nossa consciência. [...]. Espinosa denuncia todas as falsificações da vida, todos os valores em nome dos quais nós depreciamos a vida: nós não vivemos, mantemos uma aparência de vida (DELEUZE, 2002, p. 32).

A intenção é, também, estabelecer a noção do que é a Ética e do que é a Moral. Ao que nos parece, historicamente os filósofos, ao proporem tal movimento, acabaram por utilizar os termos quase sempre como sinônimos. No entanto, Deleuze (2002), particularmente, dimensiona uma diferenciação e afirma que o Dualismo (o ser de duas substâncias) é uma moral e o Monismo (ser de uma substância) é uma ética. O dualismo não só divide ou produz duas substâncias, mas também lança uma relação de causalidade – a ideia de que a mente é causa do corpo. A relação de dominação da mente sobre o corpo, para Deleuze (2002), é a Moral. Já o Monismo, como Ética, indica que o sujeito é, ao mesmo tempo, mente e corpo, que não há uma hierarquia, mas uma mescla, uma indiscernibilidade. Assim: “ninguém jamais teve um sentimento tão original da conjunção ‘e’. Cada indivíduo [...] possui uma infinidade de partes que lhe pertencem sob uma certa relação mais ou menos composta” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 73).

Importante explicitar, nessa construção, a noção de ética e de moral apresentadas por Immanuel Kant (2003). O autor considera que o sujeito, em tese, nasce com a capacidade de diferenciar o certo do errado, caracterizando a moral como inata. A ética, na construção kantiana, é única e decorre da razão, baseia-se na posição com base na qual os sujeitos agem racionalmente motivados pelo dever. Deleuze (2002) sugere, por outro lado, dada crítica ao pensamento kantiano, pois, na sua visão, o desafio coincide com superar as hierarquias do pensar, não as trocar, tão-somente.

No período de suas elaborações epistêmicas em parceria com Felix Guattari, Deleuze volta-se para a compreensão de que a realidade é, assim, um conjunto de fluxos. Os autores descrevem uma Cosmologia dos Fluxos e combatem a Metafísica do Sujeito que indica que existe um Eu ou um Sujeito unitário, identitário, idêntico a si, que não está em transformação e está fechado em si (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Nesse sentido, o processo de subjetivação, apontam Deleuze e Guattari (2011), trata de afirmar que o Eu, Pessoa, Sujeito existem e são produzidos enquanto efeitos de superfície. Propõem investigar sua produção em ato e a quem interessa o referido modelo. Eu, Pessoa, Sujeito seriam a intersecção de fluxos, o encontro de infinitos andamentos que atravessam a subjetividade. O fluxo é sempre impessoal, não tem pessoa, é assubjetivo e não está ligado à noção moderna de subjetividade<sup>8</sup>.

A fim de compreender a vazão desses fluxos, desenham como traçado a cartografia e se aproximam de narrativas dissidentes. Deleuze e Guattari (1997) ressaltam que a cartografia é um processo aberto, conectado a diversas linhas e dimensões, podendo, em determinado momento, sem cronologia de tempo, ser desmontada, refeita e reversível a indicadores e modos de pensar racionais. Trata-se de um processo de investigação que “[...] pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagem de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 22).

Questão fundamental à perspectiva cartográfica é a dinâmica que desenvolve ao conectar realidades diferenciadas e suscitar rupturas na relação sujeito/objeto da pesquisa científica tradicional. Em oposição à dicotomia imposta pelo saber científico, a cartografia evoca situações e momentos de imanência, nas quais afetos externos se conectam com as afetações, afecções e as subjetividades envolvidas na investigação. A criação de algo novo é o que Deleuze (2011, p. 246) conceitua como “acontecimento”, este que instaura um novo campo de possíveis.

Recorremos, então, ao que Deleuze e Guattari tensionam em o *Anti-Édipo* (2011), ao se referirem às cartografias do inconsciente, e de onde podemos abstrair três temas fundamentais para o que problematizamos como desterritorializações do ser. Primeiro, temos a noção de que o inconsciente funciona como uma usina e não como um teatro quanto à questão de produção e não de representação. Segundo, que o delírio é histórico-mundial e não familiar, pois deliram-se as raças, as tribos, os continentes, as culturas, as posições sociais, e, finalmente, em terceiro, que há exatamente uma história universal, mas que é contingencial, marcada por códigos primitivos, sobrecodificações despóticas, e decodificações capitalistas que tornam possível a conjugação de fluxos independentes.

---

<sup>8</sup> A afirmação da diferença constituidora de uma ‘Univocidade do Ser’ efetua um acontecimento através do qual, a partir da noção deleuziana, é possível ler as narrativas dissidentes enquanto singularidades. Ao afirmar a diferença, a ‘Univocidade do Ser’ afirma o vivo em si mesmo e fragmenta o Sujeito ontológico, até produzir o seu esgotamento.

Deleuze e Guattari aludem que tais conexões são compostas por linhas de visibilidade que articulam “regimes de luz que contemplam o visível e o invisível”, linhas de enunciação que são “linhas compostas pelos regimes de enunciados”. São linhas de segmentaridade conceituadas como “linhas de estratificação, segundo as quais o rizoma é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.”, linhas de desterritorialização ou de fuga, “pelas quais o rizoma foge sem parar e que fazem parte dele também”. Dimensionam, sempre, o risco de reencontrar nelas organizações que reestratificam o todo e o singular, isto é, são linhas que se cruzam, causando mudanças ou alterações dos processos de agenciamento no qual “é precisamente o crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 89).

Portanto, tais conceitos referem-se a um conjunto de práticas em que oscilam entre a condição de estratificadas, domadas, organizadas e, por outro lado, estabelecem um plano de consistência ao qual se tem a possibilidade de se desenvolver, de abrir-se à experiência, de estar envolta por multiplicidades, constituindo o rizoma, onde não existem dualismos, mas deformações dos enraizamentos. Rizoma, então, “não se constitui de unidades, e sim de dimensões. O rizoma é feito de linhas: tanto linhas de continuidade quanto linhas de fuga como dimensão máxima, segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade metamorfoseia-se, mudando de natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 32-33).

### **3 As derivas imaginantes de Gilbert Durand**

Na proposta de experimentar caminhos para o deslocamento do saber mantido, manipulado e hegemonicamente instaurado a partir da figura metafísica do Sujeito cognoscente, as imagens são vistas enquanto território – portanto, em disputa e a ser disputado – potencialmente aberto para a compreensão dos processos de concessão de sentido. A apropriação das imagens pelo racionalismo, movimento ativo operante a partir do *iconoclasmo endêmico*<sup>9</sup> (DURAND, 2014), ofuscou sobremaneira o fato de que o

---

<sup>9</sup> À primeira vista, tal afirmação soa sem sentido pelo paradoxo que contém. No entanto, é justamente dele que nos valemos para tentar demonstrar o quanto o afastamento deliberado das imagens do campo do conhecimento científico produziu estratificações que se mostram verdadeiras e coerentes se mantivermos a centralidade no decalque. Como todo decalque pode ser sobreposto a um mapa para identificar os rizomas excedentes (DELEUZE; GUATTARI, 1995a), acreditamos que a aproximação às imagens a partir do diagnóstico da lógica negativa operante permita o enveredamento pelas linhas de fuga.

pensamento, o objeto primeiro do exercício racional, é uma construção narrativa que mobiliza imagens.

Em contraposição à lógica dos signos, firmada na dicotomia significante-significado, a teoria antropológica elaborada por Gilbert Durand (2012) propõe a releitura dos processos comunicativos e de significação ao indicar o imaginário sociocultural como o capital pensado de imagens já produzidas ou a produzir, tornado dinâmico pelo efeito da multiplicidade simbólica. Enquanto os signos são concebidos como objetos de representação, sendo dever das intelectualidades superar qualquer indício representativo para acessar o conteúdo verdadeiro do saber, as leituras simbólicas recorrem à imagem pela imagem, cujo sentido está contido em seus elementos. Trata-se, antes, de um movimento de *aprofundamento*<sup>10</sup>.

É nesse gesto que se firma a *fantástica transcendental* proposta por Durand (2012). O transcendente, na teoria antropológica, é colocado nos termos de uma fenomenologia que percorre nas imagens a possibilidade de associação por convergência, formando cadeias de aproximação infinita que obtêm sentido pela profundidade. Em oposição aos aspectos transcendentais da metafísica, cuja abstração deve ser o fim nunca alcançado - mas sempre aspirado – pela *ascese* filosófica (KANT, 2015), a *fantástica transcendental* compreende que a imaginação criadora está contida no esforço intelectual (CARVALHO; CARDOSO, 2015) e que este, por sua vez, constantemente retorna a uma *topologia fantástica* (DURAND, 2012) que transcende qualquer impulso perceptivo.

Os elementos transcendentais estão localizados ao nível da forma, indicam a potencialidade das aparências e do espaço para o desenrolar dos trajetos imaginários. Nesse sentido,

[...] as categorias da fantástica são então precisamente as estruturas da imaginação que estudamos e que se integram nesse espaço, dando-lhes as suas dimensões afetivas: *elevação e dicotomia transcendente, inversão e profundidade íntima* e enfim *poder infinito de repetição*. Finalmente, qualquer processo imaginário, mesmo que se tinja, contra o mito, das veleidades do discurso, se reabsorve em última análise numa topologia fantástica de que os grandes esquemas e arquétipos constitutivos das estruturas formam os pontos cardeais. Qualquer mitologia, como qualquer estudo da imaginação, vem desembocar cedo ou tarde numa “*geografia*” lendária, escatológica ou infernal (DURAND, 2012, p. 413-414, grifos nossos).

<sup>10</sup> Neste ponto, deparamo-nos com uma desconformidade entre o pensamento de Deleuze e a leitura anti-semiótica de Durand. Em *Proust e os signos* (2022), Deleuze recorre a uma linguagem que se aproxima da relação significante-significado nas definições dos signos mundanos, amorosos, estéticos e artísticos. Optamos por lidar/conviver com tal descontinuidade, tendo em vista as aberturas epistemológicas do/não pensamento deleuzo-guattariano, exploradas em outras obras, receptivas à teoria antropológica durandiana. Ainda assim, a discussão a respeito do encontro com os signos enquanto aprendizagem, feita nesta obra, mantém-se cabível e nos faz lembrar de alguns conceitos postos por Durand (2012), a exemplo do *trajeto antropológico*, posteriormente aprofundados.

Cada uma das dimensões destacadas acima aponta para características centrais das estruturas que o autor identifica, a partir da convergência simbólica em torno de matrizes arquetipais comuns<sup>11</sup>. O gesto primordial da subida, tornado *schéme* da verticalidade, pode ser identificado nos símbolos<sup>12</sup> teriomórficos, nictomórficos e diairéticos que predominam na *estrutura heróica* do imaginário. O gesto da deglutição enseja o *schéme*<sup>13</sup> da descida, manifestado nos símbolos da inversão e da intimidade, predominantes na *estrutura mística*. Por sua vez, a repetição é movimento associado ao gesto primordial da copulação, ao *schéme* rítmico, manifestado nos símbolos cíclicos contidos na *estrutura sintética* do imaginário, caracterizada pela harmonia dos contrários (DURAND, 2012).

A redundância imanente ao imaginário faz com que as imagens possam manifestar-se, a depender do regime simbólico predominante, enquanto expressão do *regime diurno* ou do *regime noturno* (DURAND, 2012), grandes territórios nos quais as imagens passeiam, relacionando-se com outras de mesmo ou de outro regime. Nos termos da teoria antropológica, aspectos como a busca pela iluminação através do exercício intelectual, o desencantamento do mundo, a tendência às dicotomias como elementos de categorização torna as culturas ocidentais modernas e sua(s) ciências(s) especialmente diurnas, pela tendência à proliferação e reprodução de narrativas heroicas.

No entanto, é pela redundância que o dinamismo acontece. As estruturas não se encerram e não encerram. Concomitantes à hegemonia do regime diurno, as estruturas do regime noturno do imaginário permanecem produzindo e colocando em disputa narrativas que questionam os paradigmas tornados centrais no percurso histórico. O fluxo imaginário da *bacia semântica* (DURAND, 2014), através do qual os símbolos escoam da margem ao centro e vice-versa, em eterno retorno, assume papel privilegiado na compreensão do que temos chamado de desigualdades epistêmicas. Por mais que a pós-modernidade indique novas formas de se relacionar com os acontecimentos - muito mais noturnas, digamos -, leitura que aponta para a consolidação de uma ética da estética (MAFFESOLI, 1996), o campo epistemológico resiste.

---

<sup>11</sup> Os arquétipos são as grandes imagens primordiais, universalmente recorrentes e inatas. São a zona de intersecção entre o imaginário e os processos racionais (PITTA, 2005).

<sup>12</sup> Os símbolos localizam as imagens arquetipais em contextos socioculturais específicos.

<sup>13</sup> Anteriores às imagens, relacionados às emoções e às tendências gestuais inatas (PITTA, 2005). Para o desenvolvimento das características dos *schémes*, Durand (2012) recorreu aos estudos da reflexologia acerca dos movimentos involuntários exercidos na primeira infância, desde o nascimento. Nos *schémes*, as dominantes transformam-se em esquemas perceptivos.

#### **4 (Re)territorialização, imagéticas das possibilidades e movimentos epistemológicos na pesquisa em Educação**

Ao pensarmos na inserção de narrativas dissidentes no campo epistemológico da Educação a partir da articulação de elementos teóricos-metodológicos preconizados pela cartografia deleuze-guattariana e pela antropologia do imaginário de Gilbert Durand, nos atemos a uma análise que contempla induções do conteúdo que expressamos conectados ao contexto social. O que expressamos se refere a nós, cartógrafas que intentamos demonstrar as representações que as nossas pesquisas traçam, mapeiam, imaginam, delineiam...

Recorremos às dimensões previamente estabelecidas no intuito de contemplar as faces do que acreditamos ser um dos caminhos possíveis para deslocar o campo epistêmico que, entranhado na concepção ocidental de ciência, estruturou a tradição pedagógica. Não objetivamos elaborar uma técnica, muito menos tornar cabalísticas as percepções diretamente vinculadas ao que ganha sentido em nossas próprias experiências de pesquisar junto aos autores trabalhados. Esta seção se propõe a ser, tão-somente, fragmento de alguns movimentos de aproximação e de distanciamento que temos experienciado, que indicam horizontes possíveis.

Acreditamos que o movimento conjecturado nesta etapa rompe com os limites epistemológicos que traçamos desde o início do texto, mesmo quando preocupadas em tecer liames a partir das contribuições filosóficas dos autores. O presente texto se autodestrói, ao passo que assume a sua errância. Ao final, não nos interessa legitimar um novo campo ou gramática epistemológica, preocupada em afirmar as similitudes entre os pensamentos, mas em encontrar no saber múltiplo as pistas através das quais podemos fabular desde as narrativas dissidentes no interior do território da Educação.

Tomar a pesquisa por acontecimento, afinal “toda criação é singular, e o conceito como criação propriamente filosófica é sempre uma singularidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13). Os conceitos, matéria trabalhada para a construção deste ensaio, são como “pontes moventes” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 31) que tornam plástico o saber filosófico e se cruzam com *perceptos* e *afectos*, ao mesmo tempo em que deles se distinguem.

No jogo de palavras, escolhemos chamar de narrativas dissidentes o que já não é a *fabulação* deleuze-guattariana, tampouco o *devir imaginante* durandiano, embora os assumam. Assim como a fabulação, as narrativas dissidentes questionam a maneira

através da qual os cânones científico e filosófico limitaram a palavra à representação. Se optamos por manter a narratividade no processo que cria o espaço do pensamento sem imagem<sup>14</sup>, na pesquisa em Educação, é tão somente para, enquanto compromisso ético, desejar desmontar o corpo orgânico (BRITO; COSTA, 2020) sem esquecer das desigualdades que esse mesmo corpo suporta.

Os processos de subalternidade vivenciados por quem produz as narrativas dissidentes instituem uma episteme que denuncia os referidos cânones e elucidam o lugar de escuta ética das experiências. Os pensamentos mobilizados pelos autores evitam o aprisionamento da escuta desde outra gramática e singularizam o processo de observação, de encontro e de discussão, não de modo a ampliar as narrativas em direção a algo, mas pelo papel político de ouvi-las e de manter compromissos em relação a elas nos percursos de investigação.

Tanto a fabulação, quanto o devir imaginante valorizam a ficcionalidade das existências, este último em grande medida pela influência de Bachelard (1996) na antropologia do imaginário de Durand. No entanto, há um atributo ético vinculado à dissidência que nos lança em direção à zona de estratificação em que operam as experiências que suscitam as narrativas dissidentes e que são, por elas, produzidas. Na relação entre a linha de fuga da ficcionalidade e a vinculação ética à dissidência incorporada, localizam-se as dimensões que abaixo nos guiam.

#### 4.1 Recorrências estéticas

Deleuze e Guattari (1995a) concebem o pensamento como um ato de criação que resiste na medida em que origina uma nova imagem libertária do pensamento aprisionado desde o idealismo platônico. Estamos diante de uma virada epistemológica através da qual o pensamento deixa de ser entendido como um exercício natural do ser humano, ao mesmo tempo em que o apelo às sensações as desvincula da ideia de erro, embora possam nos levar à servidão. Os autores buscam tal dimensão nos escritos de Espinosa, nas lições de que somente podemos chegar à liberdade com e pelos afetos (DELEUZE, 2019). Assim, pensar se qualifica como o ato de se encontrar com o que me força a pensar, promovendo a diferença.

---

<sup>14</sup> O pensamento sem imagens é, para a perspectiva deleuze-guattariana, o espaço de produção de múltiplas imagens para além das estabelecidas. É o espaço da diferença, do escape à máquina da rotação fixa que conduz significativa a significado no esquema semiótico. Há uma correlação entre o *espaço do pensamento sem imagens* em Deleuze e Guattari e o *imaginário* em Durand.

O pensamento nasce do encontro com a diferença, tornada imagem rizomática, emaranhado, abalo dentro de um território “ordenado” que gera um acontecimento. O pensamento é um acontecimento. A cartografia se caracteriza na direção que Deleuze e Guattari (1995a; 1995b) indicam que não é uma competência, mas uma performance. O fazer cartográfico se enche de intensidades, encontros que possibilitam observar e produzir territórios de sentidos e de novos conhecimentos na e a partir das experiências.

Tudo isso se dá na superfície, no campo privilegiado das aparências. Dotada da arrogância heroica de quem espera poder salvar o que está perdido, a tradição filosófica ocidental iniciada em Platão – e aprofundada pelo iluminismo – deseja, desesperadamente, afastar o reino das aparências da dimensão corpórea que o macula. Para o ascetismo filosófico, é preciso submeter o aparente à dialética racional para alcançar a imutabilidade das ideias perfeitas, do imperecível. Somente dessa forma chega-se ao que se É (ZAMBRANO, 2021). O Sujeito cognoscente, ao alcançar a máxima filosófica, se liberta da falsa realidade. Trata-se de uma busca motivada pelo desejado encontro com a verdadeira natureza humana.

A noção de diferença mobilizada por Deleuze e Guattari (2011) enquanto acontecimento remete a um espaço-tempo distante e questionador frente ao tempo relacionado ao ideal persecutório de natureza<sup>15</sup>, tornado critério regulador e normativo na modernidade. O acontecimento está próximo da experiência, se a compreendermos como espaço-tempo por onde a *vida* se manifesta em sua mais bela efemeridade e através da qual se consolida em devir. Nesse sentido, concebe-se o pensar como uma experiência territorializada no epicentro da destruição: das grandes certezas, das grandes narrativas, do tempo linear e progressivo que espera da morte a purificação libertária da vida.

No caminho que temos trilhado, a morte assume a condição de *potência em – da – vida*, expressa nas pequenas-grandes destruições. A valorização positiva das derivas imaginantes, tornadas acontecimento, nos permite compreender que o dinamismo dos imaginários socioculturais se alimenta do inelutável desejo de vencer a morte (DURAND, 2012)<sup>16</sup>. O que de início poderia sugerir uma convergência inescapável com a tradição filosófica ocidental se dissipa ao compreendermos que a relação com a morte, nesta outra

---

<sup>15</sup> Segundo Zambrano (2021), a Filosofia ocidental funda-se na contradição platônica entre a constante retomada da natureza humana e a sua inalcançabilidade, visto que somente a morte levaria ao alcance do eterno, ou seja, das ideias de Verdade, Beleza e Bem. O filósofo é aquele que aprende a lidar com a morte, pois sabe que a *ascese* depende dela para efetivar-se.

<sup>16</sup> As reflexões partem, de maneira mais direta, das pesquisas desenvolvidas por nós. Lidamos diretamente com narrativas da destruição que resgatavam a morte enquanto chave principal de sentidos.

perspectiva epistemológica, dá-se ao nível das formas, não mais das ideias. É pela *estética* que ela irá aflorar e assumir a condição de perspectiva mediante a qual a vida pluraliza-se em diferentes contextos. Nos colocamos diante de uma outra nomeação das efemeridades.

O feio, o erro, o delírio são categorias estéticas normatizadas pela racionalidade enquanto lugares do Não-Ser. Não se trata de categorias vazias, a elas são concedidas tudo o que excede ao caminho bem definido da ascese e que, conseqüentemente, somente pode ser mantido na esfera do carnal. As pesquisas em Educação que cartografamos tentam questionar/pontuar problemas marcados no contexto social de maneira diferente, criando e dando novos sentidos a essas velhas categorias (HERRERA, 2016). Temos percorrido as frestas que dão acesso ao Não-Ser, a fim de percebermos como a vitalidade do suposto território inóspito indica, ao contrário, a complexidade das existências que, ao Não-Serem, agenciam possibilidades de existirem.

Agenciamentos que diferem na medida em que assumem a essencialidade dos afetos, relegados em maior parte e escravizados nos pequenos pontos de convergência pela filosofia da iluminação. A libertação do sensível dá-se pela integração da estética, no que ela tem de mais dissidente. Para tanto, a convergência entre as perspectivas teóricas apontadas se mostra promissora: de um lado, há a necessidade de dar língua aos afetos em movimento, que trazem nas suas expressões e experimentações intensidades voltadas para a composição do processo cartográfico concatenadas com o desejo, como produção das ditas intensidades e produção de sentidos (ROLNIK, 2016). De outro, há o deslocamento do paradigma estético através da elucidação de que a imaginação é criadora e de que a condição de devaneio<sup>17</sup> plenamente experienciada nas criações artísticas pode ser expandida para outras experiências pelo fazer sensível.

O devaneio é a linguagem primordial do regime noturno das imagens, porque remonta ao onirismo para constituir a realidade privilegiada do estado de embriaguez. Diferente da luz – iluminação pelo intelecto -, a noite é substância espessa (DURAND, 2012) e tátil, morada das entidades desgarradas, de Baco e de Dioniso. Na experiência da vertigem, as cores mesclam-se, as linhas dissipam e tremulam à medida em que o corpo pende, o mundo adquire novos movimentos com o cerrar dos olhos. Sem a visão, toda a superfície corpórea torna-se meio de contato com o externo, livre do abismo

---

<sup>17</sup> A discussão sobre devaneio pode ser mais bem aprofundada nas leituras de Gaston Bachelard, mestre de quem Gilbert Durand foi discípulo. Dentre as obras do autor, sugerimos, pontualmente, *A poética do devaneio* (1996) como referência base.

interrelacional que o olhar requer. Por essa razão, pela potência desterritorializante das derivas imaginantes, tratamos da recorrência aos sentidos e às sensibilidades envolvidos no devaneio enquanto recurso pedagógico capaz de criar *Corpos Sem Órgãos* (DELEUZE; GUATTARI, 1996) no interior do campo educacional.

Como temos feito isso? Do pensamento de Deleuze e Guattari (1995a, 1995b, 1996), recorreremos ao subsídio de experienciar uma determinada metodologia da colagem<sup>18</sup>, recurso para o cruzamento de territórios aparentemente distantes. Exercitamos um movimento que parte das expressões artísticas para expandi-las, torná-las propostas pedagógicas nascidas da articulação com teorias desterritorializantes; movimento justificado pela compreensão de que as artes não encerram os processos criativos, mas são experiências privilegiadas para seu o espalhamento e, portanto, precisam ser resgatadas no interior dos espaços intelectualizados.

Enquanto cartógrafas, temos indícios de que precisamos estar em um território, estar em movimento, afetando e sendo afetadas por aquilo que buscamos cartografar, estando abertas ao desenvolvimento de nossas sensibilidades e aos rumos que a processualidade desses encontros pode nos levar. O que buscamos, em nosso cartografar, é dar espaço para que a linguagem dos afetos tenha passagem, se mostre, demonstre suas intensidades a partir das linguagens que encontramos, compondo – quem sabe? – cartografias e imagens necessárias das categorias advindas em suas mais variadas dimensões.

A condição de nos tornarmos retratistas é posta em evidência, cujo parâmetro ético-estético é o de não pretender ser pintoras de imagens à semelhança dos copistas, mas pesquisadoras criadoras, ao mesmo tempo permeadas por imagens distorcidas. A metáfora do espelho de circo, que reluze imagens que são e que não são, imagens pervertidas onde são criadas duplas e diferenciações, é cabível. Através dela, podemos questionar a estratificação em paradigmas do dinamismo característico do regime noturno da imaginação. Foucault (1995, p. 39-40) sugere que Deleuze constrói um teatro filosófico:

Todos los rostros que no conocemos, máscaras que nunca habíamos visto; diferencia que no dejaba prever nada y que sin embargo hace volver como máscaras de sus máscaras a Platón, Duns Scoto, Spinoza, Leibniz, Kant, todos los filósofos. La filosofía no como pensamiento, sino como teatro [...] (FOUCAULT, 1995, p. 39-40).

---

<sup>18</sup> Roberto Machado (2009, p. 37), filósofo brasileiro, cita que: “a filosofia de Deleuze recria e relaciona, pelo procedimento de colagem, ‘novos’ pensamentos já existentes, dentro e fora da filosofia, sempre com o objetivo de construir um pensamento que afirma o primado da diferença”.

O que desejamos cartograficamente é abrir a possibilidade de apreender o movimento que pode surgir dos fluxos e representações intensificadas nas relações construídas em seus respectivos territórios. Nisso, enxergamos a construção de conhecimentos em conexão com processos educacionais que estão em absorções contínuas, desencadeadas pela ação de forças externas, internas, coalizadas, estabilizadas, caotizadas, mescladas e desfiguradas. Para acessar e construir narrativas que fogem à lógica imposta, é preciso mover-se pelas circularidades rizomáticas.

#### 4.2 Releituras epistemológicas

Ao renunciarem à categoria da natureza humana, constituinte da noção de Sujeito, as perspectivas teóricas aqui centralizadas promovem alterações profundas no campo ontológico. Mobilizadas pela crítica ao pensamento metafísico, em especial aos conceitos fundantes de transcendência, de essência e de representação, as elaborações rizomáticas de Deleuze e de Guattari e os elementos da *transcendência imanente* elaborada por Gilbert Durand contribuem para o deslocamento epistemológico pelas vias da destruição ontológica.

A metafísica entranhou-se de tal forma na tradição filosófica ocidental que as suas narrativas míticas fundantes, registradas por Sócrates a partir dos poéticos diálogos de Platão, continuaram a ser inquestionavelmente assumidas. Se por um lado podemos recorrer ao conhecido Mito da Caverna (PLATÃO, 2012) para compreendermos as modulações estéticas da libertação através da consciência, é no Mito do Cavalo Alado<sup>19</sup> (PLATÃO, 1996) que encontramos mais diretamente as pistas ontológicas que procuramos – ainda que haja uma recorrência estética bastante aparente –.

Sacralizada, a essência humana mobilizou buscas incessantes. De acordo com a tendência metafísica de elevação e com o padrão estético cima-baixo que lhe é próprio, firmaram-se os juízos de valor dicotômicos que, em termos epistemológicos, deliberaram sobre as dualidades verdadeiro-falso, essência-forma, razão-sensibilidades. Ora, se o

---

<sup>19</sup> De maneira breve, lembremos da narrativa mítica: antes da criação do mundo, as almas compartilhavam do mesmo espaço com os deuses, até que decidiram promover uma espécie de corrida. As almas humanas eram as carruagens, puxadas por dois cavalos alados, um de natureza divina e outro de natureza animal. Durante a disputa, os cavalos de índole passional recusavam-se a ser domados, enquanto os cavalos de natureza divina tentavam a todo custo continuar perseguindo os rastros dos deuses. Disso resultou o completo desgoverno das carruagens e o tombamento das almas humanas na Terra, não sem antes ofuscarem-se brevemente pelo maravilhoso Céu de Urano. À lembrança desse lampejo, Platão chama de Reminiscência, o que faz com que as almas humanas vivam em constante desejo de retorno ao mundo suprassensível.

caminho para o alcance da verdadeira natureza humana é tão somente o iluminado, se a *ascese* requer a ação moral baseada na razão pura e universal (KANT, 2015), paradoxal seria qualquer concepção de pensamento que previsse uma zona intermediária<sup>20</sup>. De maneira contraposta, o pensamento de Deleuze (1996) procede por subtração. Ao chegar a um determinado plano de pensamento, a determinada cena, desta é subtraída tudo o que é transcendente. Ao utilizarmos dessa perspectiva como recurso epistemológico no campo da Educação, nos deparamos com pesquisas voltadas para tramas de diferenças produzidas por narrativas dissidentes, possíveis de se teatralizarem a fim de limpar as hierarquias, permitindo o emergir do que é imanente. Ao subtrairmos, ao diferenciarmos, nascem possibilidades múltiplas. O pensamento deleuzeano indica que devemos subtrair para reflorestar a filosofia; ao passo que nós – cartógrafas, arborizadas, rizomatizadas – pensamos em reflorestar as pesquisas que retratam a vida.

Para tanto, demarcamos os nossos lugares não por meio de fronteiras, mas de *limiaries* que tocam concomitantemente partes dos territórios que pisamos. O mito da neutralidade científica é herança cuja permanência impede a destruição dos marcadores questionados, pois alude para o bom exercício racional capaz de higienizar o saber apreendido nas experiências de pesquisa, elevando-o. Mesmo nos estudos que tensionam esses marcadores por meio das lógicas identitárias, os resquícios da imutabilidade do Ser permanecem produzindo efeitos – sob a forma não mais da árvore-raiz, mas do sistema – radícula que retoma sempre a uma unidade pluralizada (DELEUZE; GUATTARI, 1995a).

Acreditamos na contribuição das subjetividades, localizadas nas relações sociais e assumidas ou recusadas de modos particulares nas identificações (GUATTARI; ROLNIK, 1996). No campo epistemológico da Educação, produzem lugares intercambiáveis, não-lugares se estipulamos como definidor conceitual do termo a necessária fronteiricidade. Nesses não-lugares, há múltiplas narrativas que, por falta de adequação ao modelo dicotômico, foram tidas por des(viadas), pobres de encadeamento conceitual e impossíveis de figurarem como objetos do conhecimento. Para serem objetos, precisavam do horizonte translúcido, da passagem do mergulho à contemplação.

---

<sup>20</sup> A respeito das interfaces entre uma ontologia do sujeito e a metafísica kantiana, Flores (2019, p. 69) diz: “Tudo se passa como se a constituição do sujeito como fundamento do pensamento respondesse, no nível do conhecimento teórico, às necessidades de legislar as ciências da natureza e cercar os avanços da razão especulativa em metafísica. Ela será, na verdade, o meio de salvar o indeterminado da ameaça da determinação sensível”.

O mapa das cadeias associativas elaboradas por Durand (2012) não poderia estar distante da leitura rizomática que Deleuze e Guattari (1995a) fazem do plano de imanência, mesmo que a terminologia metaforicamente proposta por Durand sugira um afastamento teórico momentâneo. Ao utilizá-la como geografia, a teoria antropológica do imaginário demonstra a existência de uma recorrência formal que desloca o imaginário para o campo dos impulsos, dos desejos e dos acontecimentos.

Ainda que o mapa do imaginário se abra para elementos dotados de abstração, cujas estruturas tocam as zonas de estratificação, a teoria durandiana permite o retorno ao corpo como operante das modificações simbólicas ocorridas ao nível do vivido. Não se trata de empiria, lugar onde a imagem é posta enquanto experimentação, assim como não recai nas presas da razão prática, subserviente à pureza das formas racionais puras. Dentre os múltiplos indícios que apontam para tal entendimento, destacamos dois que se mostram suficientemente sugestivos.

O primeiro está diretamente relacionado ao retorno que Durand faz aos gestos primordiais, dominantes que produzem interações instintivas com o meio exterior no qual o corpo encontra-se inserido. Ao servirem de matéria-prima para os *schémes*, ao invés de abandonarem a íntima relação corporal, ajudam a consolidar a “estreita concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas” (DURAND, 2012, p. 51). As imagens decorrentes dos acontecimentos transcendem na medida em que recorrem à imanência dos desejos de relacionar-se afetivamente com o espaço pelo distanciamento, pela absorção ou pela perpetuidade.

O segundo está contido no conceito de *trajeto antropológico*, apontado por Durand (2012) como sendo a eterna troca experienciada ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e as emanções do meio cósmico e social. Há, nesse entendimento, a predominância de um paradigma estético que ressalta o movimento pluridirecional de afetação, o circuito-devir onde o mundo excede e comporta o corpo, produtor de sentidos na interação. Ao inserir as microrrelações no contexto sociocultural do imaginário, o autor fala em *bacia semântica* (DURAND, 2014), poética maneira de nomear as transformações históricas – e geográficas, se tomarmos os mapas como forma – resultantes dos fluxos imaginários que transportam os símbolos predominantes em determinados contextos e épocas às margens, e vice-versa.

O conceito de trajeto antropológico nasce para exceder aos próprios limites conceituais que o tornam chave de leitura. Representa, para nós, expressão poética que guarda um encaminhamento ético através do qual assumimos a responsabilidade e o

arrebatamento, a ação e a abertura transformadora das ordens simbólicas predominantes. Nesse processo, contudo, concordamos com Deleuze e Guattari a respeito do cuidado necessário a fim de não moralizarmos os conceitos no interior de uma filosofia moral, como o fez Kant (2003).

O que podemos praticar diante de tal perspectiva é uma avaliação ética vitalista, isto é, avaliar quando a linha dura<sup>21</sup> potencializa ou despotencializa a vida, dado que se nos alimenta de vida (potencializa) ou se nos envenena de morte (despotencializa), o que está sempre em jogo é a vida, a vida é sempre o único critério. Os conceitos traçados por Deleuze e Guattari (1995a; 1995b; 1996) não se opõem, mas coexistem. É um emaranhado de pensamentos coexistentes com suas cointensividades onde as linhas (duras e flexíveis<sup>22</sup>) atendem, compõem a mesma linha que tende a pólos diferentes, a lógicas diferentes, usos diferentes, funcionamentos diferentes, mas que constituem a mesma coisa, as mesmas narrativas dissidentes. A teoria antropológica do imaginário contribui na medida em que insere a ordem simbólica no interior desses movimentos.

## 5 Considerações finais

Pela condição de constante escapamento que lhes é imanente, não há como encerrar as narrativas dissidentes em poucas palavras definidoras. Não há caminho conceitual possível que, recorrendo a estratégias descritivas, faça jus às reverberações do que tentamos timidamente nomear, cientes do enquadramento parcial-perspectivo. Nos desvios reflexivos que intentamos perseguir durante a escrita desse texto, as narrativas dissidentes aparecem no chamamento: a uma ordem estética e epistemológica outra, produzida pelos territórios limiares que mesclam abordagens teóricas particulares. Elas estão em tudo o que excede.

Como cartógrafas do/pelo imaginário, percebemos a ligação que a prática cartográfica tem com a produção de saberes presentes nas intensidades minoritárias e excluídas, expressas em imagens que fogem à lógica exclusivamente racional. O pensamento deleuze-guattariano e as elaborações teóricas de Gilbert Durand, quando associados, nos tiram de processos acomodativos e assimilativos que ainda reverberam no campo da Educação. Cartografar processos de realidades em suas trajetórias nos insere

---

<sup>21</sup> As linhas duras são as linhas que nos controlam, normatizam e enquadram por meio de atravessamentos que buscam efetivar e manter a ordem, assim como evitar tudo aquilo que não se adequa ao contexto social imprimido, instituído, territorializado.

<sup>22</sup> As linhas flexíveis ou linhas de segmentaridade maleável são aquelas que insinuam maior fluidez, são mais flexíveis e de natureza micropolítica, apresentando condição rizomática.

em campos extensivos de forma intensiva, onde forças são insurgidas dessas intensidades, proporcionando encontros a partir dos quais questionamos posturas viciadas e conservadoras, fazendo dobras que se lançam em devir e que nos impelem ao caminho da diferença.

Em processos de constituição subjetiva, todas nós somos envolvidas, interpenetradas por modos variados e diversificados de identificações que se estabelecem na instauração da subjetivação individual. De maneira particular, a condição de sermos afetadas – e de assumirmos uma tal afetação – pela gama de multiplicidades envolvidas no fazer-pesquisa em Educação abre espaço para experiências cartográficas dos processos de subjetivação e, conseqüentemente, a experimentação de diferentes maneiras de registrar os agenciamentos que nos envolvem ética, estética e politicamente.

## Referências

- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BRITO, M. dos R. de; COSTA, D. W. S. Escrita e corpo e fabulação: variações com Deleuze e Clarice Lispector. **Linha Mestra**, v. 14, n. 41, p. 45-54, mai./ago. 2020.
- CARVALHO, M. de F.; CARDOSO, F. da S. Contemporaneidade, pesquisa social e imaginário. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 7, n. 13, p. 105-117, jul./dez., 2015.
- DELEUZE, G. **Conversações**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza** (Vincennes, 1978-1981). 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.
- DELEUZE, G. **Espinoza: Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. São Paulo: Editora 34, 2022.
- DOSSE, F. **Gilles Deleuze and Félix Guattari: intersecting lives**. New York: Columbia University Press, 2010.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.
- FLORES, P. H. Kant e o problema do sujeito. **Sofia**, Vitória, v. 8, n. 2, p. 66-79, jul./dez. 2019.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HARDT, M. **Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia**. Tradução Sueli Cavendish. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- HEGEL, G. W. F. **A Fenomenologia do Espírito – Parte II**. 1 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1992.
- HERRERA, J. D. Los métodos de investigación: entre la reflexividad y la construcción de lo social. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 275–288, dez. 2016.
- KANT, I. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. 4. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2015.
- MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012.
- PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.
- PLATÃO. **A república**. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.
- PLATÃO. **Diálogos I: Mênon – Banquete – Fedro**. 19. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2016.
- ZAMBRANO, M. **Filosofia e poesia**. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

**Recebido em:** 14 de fevereiro de 2023.

**Aceito em:** 09 de outubro de 2023.